

Práticas de assédio sexual contra mulheres nas organizações: análise de episódios de séries de TV

JOALLINE CARLA ALVES DO NASCIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

ELISABETH CAVALCANTE DOS SANTOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecemos à CAPES, que possibilitou a criação do Programa de Pós-Graduação em Gestão, Inovação e Consumo (PPGIC), na Universidade Federal de Pernambuco, campus Agreste, em Caruaru, e, conseqüentemente, contribuiu com a interiorização do ensino. Ainda agradecemos ao PPGA e à FEAUSP, que possibilitou mais uma edição deste importante evento acadêmico, que é o SemeAd.

Práticas de assédio sexual contra mulheres nas organizações: análise de episódios de séries de TV

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a Administração enxerga as organizações como um sistema estruturado, com processos padronizados objetivos bem definidos e, conseqüentemente, não se preocupa em questioná-los (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). Este pensamento vai contra os estudos de Silva e Neto (2010) e De Paula (2016), que apontam que há visões de mundo alternativas dentro das ciências sociais – não há um padrão nas organizações, já que estas podem se desenvolver de formas diferentes.

Duarte e Alcadipani (2016) ainda ressaltam que as organizações eram vistas como algo estático. Tal visão era considerada normal por parte dos/as pesquisadores/as e faz parte do pensamento funcionalista (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014). Foi na década de 70 que as pesquisas acadêmicas em torno das ciências sociais, em particular dos Estudos Organizacionais, começaram a utilizar os Estudos Baseados em Prática, ampliando a compreensão sobre o conceito de organização, que passa a ser compreendido como o *organizing* (DUARTE; ALCADIPANI, 2016).

Diante do questionamento dos princípios funcionalistas e da virada da prática, pesquisas passaram a ser desenvolvidas com temas até então marginalizadas no campo dos EO, tais como a prática do assédio moral e sexual dentro das organizações (EINARSEN; HOEL; ZAPF; COOPER, 2003; HELOANI, 2004; FREITAS, 2001). Nessas pesquisas, o gênero é compreendido como socialmente e culturalmente constituído, sendo caracterizado por uma repetição de atos (BUTLER, 2021).

Uma pesquisa feita em 2021 pela empresa Mindsight, que tem como foco a gestão de recursos humanos, mostrou que, no Brasil, as mulheres sofrem três vezes mais assédio sexual do que os homens nas organizações em que trabalham (BARRETO, 2021). Dados mais recentes, levantados neste ano pelo Datafolha, mostram que 46,7% das brasileiras sofreram algum tipo de assédio sexual em 2022 (GOMES, 2023). De acordo com a pesquisa, este é o maior índice de toda a série histórica, que teve início em 2017 (GOMES, 2023). Conforme consta no levantamento, 18,6% das mulheres entrevistadas afirmaram ter ouvido cantadas ou comentários indevidos no ambiente de trabalho (GOMES, 2023). Estes dados reforçam a importância da investigação acadêmica em torno do assédio sexual, que é o foco desta pesquisa.

Apesar da importância desses temas nos EO, percebe-se que ainda há pouca discussão do assunto dentro do campo (FREITAS, 2001). Desse modo, surge o seguinte questionamento: **“Como se configuram práticas de assédio sexual contra mulheres em organizações representadas em séries televisivas?”**. Para tal investigação, foram analisados três episódios de séries de TV, nos quais são retratados casos de assédio em diferentes organizações: dentro de uma clínica de massagem (*Friends*, 1995), em uma empresa de finanças e em uma delegacia de polícia (*Brooklyn Nine-Nine*, 2019), e em uma emissora de TV (*The Morning Show*, 2019). Os episódios das séries televisivas foram escolhidos devido ao fato de disseminarem, em ampla escala, representações de assédio e possibilidades de ação diante dele. Dessa forma, acredita-se que as séries de TV possuem potencial de conscientização e de ampliação do debate sobre o tema.

Nesta pesquisa, entende-se que o assédio moral pode (ou não) estar relacionado ao assédio sexual, e que ambos se caracterizam, respectivamente, por perseguição constante de uma pessoa por outra, ou pela tentativa de um investimento corporal e/ou afetivo sem o consentimento por parte do/a outro/a (FREITAS, 2001; TEIXEIRA, SILVA, MESQUITA, RAMPAZO, 2018). Tais práticas podem ser identificadas de formas tanto implícita quanto explícita.

Do ponto de vista ontológico, Schatzki (2016) aponta que as práticas sociais obedecem a uma estrutura e acontecem sempre em um contexto específico, o que é fundamental para a compreensão, análise e explicação do fenômeno. Para ele, não é uma prática isolada em um arranjo específico que irá constituir o espaço no qual o ser humano vive, mas sim um conjunto de práticas em vários arranjos. Esta união de práticas e arranjos é nomeada por Theodore Schatzki como “malha entrelaçada”, por haver uma conexão entre elas (SANTOS; SILVEIRA, 2015).

Como forma de avançar nas discussões em torno das práticas de assédio, buscas foram feitas no Scielo, no Spell, no Portal de Periódicos da Capes e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), para identificar quantas pesquisas sobre a temática foram produzidas. No quadro a seguir pode ser conferido o resultado das buscas:

Quadro 1 – Trabalhos publicados sobre a temática

Banco de dados	Número de pesquisas sobre o termo “práticas de assédio”	Número de pesquisas sobre o termo “práticas de assédio em séries de TV”
Scielo	16	0
Spell	0	0
Portal de Periódicos da Capes	122	0
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	114	0

Fonte: As autoras (2023).

Como é possível perceber, nenhuma pesquisa sobre “práticas de assédio em séries de TV” foi encontrada nas bases de dados. Ademais, é necessário destacar que as pesquisas encontradas com o termo “práticas de assédio” são voltadas, em sua maioria, para as organizações ligadas às áreas de enfermagem e engenharia civil. Desta forma, pode-se afirmar que este artigo avança nas pesquisas sobre a temática, apresentando um novo ponto de vista inovador para discutir o assunto dentro e fora do ambiente acadêmico. Nas sessões seguintes, será possível compreender melhor os conceitos brevemente aqui apresentados.

ESTUDOS BASEADOS NA PRÁTICA

Um dos principais teóricos em torno dos Estudos Baseados na Prática (EBP) é Theodore Schatzki. Ele faz parte de um conjunto de estudiosos que participaram da chamada “virada da prática” (SCHATZKI; KNORR-CETINA; VON SAVIGNY, 2001). Foi diante de tal virada que a prática deixou de ser compreendida apenas como “o que as pessoas fazem no dia a dia”, para ser teorizada em termos ontológicos e epistemológicos (GHERARDI, 2009; SCHATZKI, 2016). As mais diversas áreas de atuação podem ser estudadas do ponto de vista dos EBP, como tecnologia, aprendizagem, marketing, comunicação, contabilidade, cultura popular, entre outros (SANTOS; SILVEIRA, 2015).

Schatzki (2016) afirma que as ontologias da prática são planas porque tratam as práticas como elemento central dos fenômenos, tanto macro quanto micro, e porque elas são estabelecidas em um único nível, sem estabelecer divisões entre dimensões macro, meso e micro social. As práticas, associadas aos chamados arranjos materiais, que são as condições materiais onde as práticas acontecem, compõem a vida social, humana e não humana. As práticas e os arranjos se interrelacionam, assim como as práticas podem se relacionar com outras práticas e os arranjos com outros arranjos, fazendo da sociedade um grande conjunto de

práticas e arranjos que se interligam (SCHATZKI, 2016). Schatzki (2016) ainda explica que todas as práticas são estruturadas por três componentes principais: 1) entendimentos – o saber-fazer; 2) regras – os princípios e instruções; e 3) as estruturas teleoafetivas – os objetivos e interesses somados às emoções. Esta estrutura será melhor explicada abaixo.

Para Santos e Silveira (2015), os entendimentos são os saberes-fazer da prática, que são repassados de uma pessoa para outra e perpetuados ao longo do tempo. No caso das práticas de gênero, por exemplo, existem entendimentos relativos a papéis sociais, como quem deve cuidar da casa, do marido e dos/as filhos/as, e quem deve ser é provedor e não deve se preocupar com os afazeres domésticos. As regras estão relacionadas com os princípios, as instruções necessárias para que as práticas aconteçam. Por fim, as estruturas teleoafetivas tratam da relação entre objetivos, interesses e emoções envolvidas na prática, o que torna esta estrutura diferente para cada praticante, embora as práticas sejam fenômenos não individuais.

Os EBP são verdadeiras “lentes” (GHERARDI, 2009). É por meio delas que podemos ter uma visão diferente de mundo e do fenômeno estudado. Santos e Silveira (2015) deixam claro que, em certos momentos, também é preciso mudar as lentes para que a prática seja melhor compreendida durante a pesquisa. É importante frisar que mesmo que haja tal troca de lentes enquanto o estudo é realizado, apenas uma visão será utilizada para embasar a pesquisa, visto que as outras serão utilizadas para dar suporte à teoria principal.

Do ponto de vista ontológico, Schatzki (2016) aponta que as práticas sociais acontecem sempre em um contexto específico, sendo algo fundamental para a compreensão, análise e explicação do fenômeno. Santos e Silveira (2015) destacam que a ontologia da prática é contextual, pois considera a relação do indivíduo com o mundo. Este é o diferencial dos EBP, do ponto de vista de Schatzki, Knorr-Cetina e Von Savigny (2001). Para eles, não é uma prática isolada em um arranjo específico que irá constituir o espaço no qual o ser humano vive, mas sim um conjunto de práticas em vários arranjos. Esta união de práticas e arranjos é nomeada por Theodore Schatzki como “malha entrelaçada”, por haver uma conexão entre elas (SANTOS; SILVEIRA, 2015).

Do ponto de vista de Theodore Schatzki, as práticas trazem consigo entendimentos, conhecimentos, identidades e significados (SANTOS; SILVEIRA, 2015). Tal afirmação comprova o que os autores anteriormente citados propuseram: as práticas não devem ser analisadas de maneira isolada. É preciso compreender o contexto no qual as práticas acontecem, o que permite levar em consideração questões como raça, orientação sexual e classe social etc., dado que são elementos importantes neste contexto.

GÊNERO E INTERSECCIONALIDADE

Scott (1995) foi uma das primeiras pesquisadoras a colaborar com os avanços teóricos em torno dos estudos de gênero como categoria. Segundo a autora, muitas pesquisas usam as palavras gênero e mulheres como sinônimos, no entanto, o termo “gênero” é mais neutro do que “mulheres” e pode ser aplicado também aos homens (SCOTT, 1995). O gênero, portanto, está ligado às construções culturais do ser humano, é algo que está relacionado às relações sociais e não é determinado pelo sexo (SCOTT, 1995; BUTLER, 1998, 2009, 2021). Esta compreensão se aproxima de um entendimento pós-estruturalista de mundo, que leva em consideração o papel da linguagem para a formação das identidades, como a de gênero.

É devido ao pensamento pós-estruturalista que não há uma única definição do que é gênero. Entre as mais variadas definições do termo, está a de que o gênero é um conjunto de práticas que define e determina as relações entre os homens e as mulheres; o gênero também leva em conta o que as pessoas dizem e fazem, determinando questões como identidade e *status* social (GHERARDI; POGGIO, 2001; MARTIN, 2006). Desse modo, percebe-se que os conceitos de gênero também estão relacionados aos Estudos Baseados em Prática (EBP).

Percebe-se também que tais práticas de gênero têm início na infância, pois o aprendizado sobre elas ocorre nos mais diversos lugares e organizações, como na escola; dentro de casa, com a família, em grupos de amigos e empresas, por exemplo.

Gherardi e Poggio (2001, p. 245) realizam reflexão sobre o gênero seguir “uma ordem simbólica, dicotômica e hierárquica”. Tomando como base a dicotomia citada pelas autoras, se faz necessário destacar que os dualismos são criticados por autores/as pós-estruturalistas. Para eles/as, os dualismos se complementam e não devem ser separados (SCHATZKI, 2016; BUTLER, 2021). O gênero, por sua vez, é praticado dentro das organizações, muitas vezes por pessoas que estão em posições de poder, que podem ser homens ou mulheres, e que não necessariamente refletem sobre a prática (MARTIN, 2006).

Também há a questão de que as práticas de gênero compõem as chamadas práticas generificadas: o praticar gênero diz respeito às pequenas ações rotineiras, que nos fazem compreender as práticas generificadas, que são mais amplas e, em linhas gerais, um grande conjunto de (MARTIN, 2006). Um exemplo é a máxima de que mulher não entende de futebol (prática generificada). As que desafiam o sistema são comumente questionadas sobre o que é um impedimento (praticar gênero), por exemplo.

Ainda falando sobre as mulheres que desafiam o sistema, Gherardi e Poggio (2001) destacam que estas são vistas como estrangeiras ou pioneiras, quando ingressam em um ambiente predominantemente masculino, como a área de engenharia civil. Estas mulheres, por vezes, adotam atitudes ditas como masculinas para se encaixar no local de trabalho, sendo tal prática uma forma estratégica de sobrevivência (GHERARDI; POGGIO, 2001).

Butler (2021) busca acrescentar, por meio de uma crítica, que o patriarcado não é o único culpado pelas desigualdades e torna das práticas de gênero e estereótipos criados. A filósofa pontua que a primeira onda do próprio movimento feminista defendia uma identidade única: mulheres brancas, cisgênero e heterossexuais. O feminismo, sob esse ponto de vista, pode reprimir as mesmas mulheres que o movimento busca emancipar, insistindo em classificar a mulher apenas como mulher, rejeitando, assim, as interseções que as constituem (BUTLER, 1998; 2009; 2021). Aqui, proponho uma reflexão: será que as mulheres homossexuais, bissexuais, negras e transexuais são tratadas da mesma forma que as mulheres brancas que estão dentro da matriz de inteligibilidade heterossexual?

É possível encontrar respostas para tal questionamento a partir de estudos desenvolvidos no fim dos anos 80, pela jurista estadunidense Kimberlé W. Crenshaw. Ela propôs um olhar interseccional, inicialmente ao movimento feminista, discutindo o conceito de interseccionalidade dentro do movimento feminista negro (DIAS, 2021). Por outro lado, a temática é de extrema importância também quando se fala dos EBP e os EO. A interseccionalidade permite ter um novo olhar com relação a estas discussões, e também para além das questões de gênero.

O termo interseccionalidade tem como objetivo mostrar as diferenças e desigualdades, que são fundamentais para compreender as práticas, visto que a interseccionalidade marca as identidades e vivências dos/as praticantes (DIAS, 2021). É por meio desta teoria que iremos entender, também, as relações de poder entre os seres, não esquecendo que quando falamos de interseccionalidade por meio dos marcadores sociais da diferença e das questões de gênero, em particular, também estamos falando de homens e mulheres – as questões de gênero envolvem os dois, com um caráter relacional (SCOTT, 1995; CRENSHAW, 2002).

A interseccionalidade pode ajudar na promoção de políticas públicas mais eficazes para homens e mulheres. Crenshaw (2002) discute que os direitos humanos das mulheres não devem ser limitados às situações nas quais os problemas se assemelham aos dos homens. É nesse momento que a interseccionalidade se faz presente: é preciso levar em consideração outros marcadores sociais da diferença. Dias (2021) mostra que é por meio do olhar interseccional que podemos enxergar tanto o local social quanto o lugar de fala das pessoas. Um exemplo que

Crenshaw (2002) apresenta a violência contra a mulher. Não devemos analisar apenas a violência pela violência, mas utilizando diferentes marcadores sociais da diferença e aqui volto a propor novas reflexões: Como ocorre a violência contra a mulher negra, pobre e homossexual? É a mesma violência sofrida por mulheres brancas, de classe média e heterossexuais? A interseccionalidade se mostra necessária na pesquisa, para ajudar a responder tais inquietações.

ASSÉDIO MORAL E SEXUAL NAS ORGANIZAÇÕES

Discutir assédio moral e sexual nas organizações não é um modismo, mas sim uma necessidade (FREITAS, 2001). Pode-se afirmar que os assédios, sobretudo no ambiente organizacional aqui discutido, não têm relação com a sexualidade do/a assediador/a e da vítima, mas sim com a dominação e o poder (FREITAS, 2001; EIRNARSEN; HOEL; ZAPF; COOPER, 2003; HELOANI, 2004; CANIATO; LIMA, 2008; TEIXEIRA; RAMPAZO, 2017; MCEWEN; PULLEN; RHODES, 2021; DE PAULA; MOTTA; NASCIMENTO, 2021). É devido à sensação de dominação e poder que o assediador ou assediadora sente que os casos acontecem nas organizações. Como já foi destacado anteriormente no tópico no qual foram discutidas as questões de gênero, as práticas de assédio e gênero não têm as mulheres como vítimas exclusivas. Homens também podem ser assediados tanto moral quanto sexualmente no ambiente organizacional.

No entanto, este artigo visa investigar as práticas contra as mulheres, porque, embora o assédio possa vitimar homens e mulheres, faz-se necessário destacar que as mulheres têm mais probabilidade de serem vítimas destas práticas do que os homens, sobretudo quando se trata de assédio sexual (MCEWEN; PULLEN; RHODES, 2021). Ademais, ainda pode-se destacar que, em sua maioria, de acordo com McEwen, Pullen e Rhodes (2021), as mulheres são assediadas por homens. Desta forma, esta se torna uma questão que pode ser problematizada.

Não necessariamente a prática de assédio moral evolui para a prática de assédio sexual, mas é algo que pode acontecer. Da mesma forma, é possível que ambas as práticas ocorram de forma simultânea, visto que várias práticas se interligam (SANTOS; SILVEIRA, 2015; SCHATZKI, 2016). Ambas as formas de assédio também podem acontecer de forma camuflada, disfarçada. O assédio moral pode ser praticado sob o disfarce de uma sugestão e até mesmo um elogio (FREITAS, 2001; DE PAULA; MOTTA; NASCIMENTO, 2021), quando, por exemplo, um/a chefe elogia a capacidade do/a subordinado/a em exercer determinada função e, em seguida, demite outro/a funcionário/a, delegando as funções deste para o/a subordinado/a que ele/a elogiou. Tal prática disfarçada pode até motivar o/a subordinado/a inicialmente, mas poderá gerar uma sobrecarga, que, por sua vez, irá prejudicar o/a funcionário/a psicologicamente, gerando uma autocobrança devido a não realização adequada das demandas – esta última volta para o chefe, que poderá reclamar com o/a subordinado/a e até persegui-lo/a por não dar conta de todos os serviços.

O exemplo acima citado mostra que a prática é como uma espiral (DIAS, 2021): ela se une a outras práticas e outros arranjos, gerando novas práticas e novos arranjos, sempre voltando ao ponto no qual a prática teve início. Muito embora o exemplo trate de uma relação de poder entre chefe e subordinado/a, não é apenas nestes casos que a prática do assédio acontece. Estas práticas podem ocorrer entre colegas de trabalho que ocupam a mesma posição dentro da organização.

A prática de assédio sexual, por exemplo, pode se configurar em um toque indesejado disfarçado de carinho; ou uma cantada igualmente indesejada sob o disfarce de um elogio. Ou seja, todo toque, cantada, entre outras práticas, que sejam indesejadas pela vítima se configuram como assédio sexual (TEIXEIRA; RAMPAZO, 2017; MCEWEN; PULLEN; RHODES, 2021). Trata-se de uma prática de assédio sexual dentro do ambiente organizacional quando, por exemplo, um homem sempre tem a necessidade de falar com a colega de trabalho, mulher,

acariciando seus cabelos, tocando suas pernas ou até mesmo a abraçando sem que esta queira ou permita tal intimidade; ou quando um homem propõe um relacionamento amoroso com uma mulher sem que ela queira e passa a persegui-la na insistência de conseguir o que quer, oferecendo presentes ou benefícios dentro da organização com a finalidade de conseguir ter o relacionamento que deseja.

Por mais que haja disfarces para as práticas tanto de assédio moral quanto de assédio sexual nas organizações, estas práticas, que se configuram como crimes, não são elogios e não podem ser vistas como algo positivo (FREITAS, 2001). Mas é preciso também refletir que, como as práticas acontecem de forma rápida, direta e linear, por vezes as vítimas têm dificuldades de enxergar que estão sendo assediadas (TEIXEIRA; RAMPAZO, 2021). E é por este motivo que se faz necessária a discussão em torno desta problemática, sendo também uma forma de conscientização.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem epistemológica adotada nesta pesquisa é a dos Estudos Baseados na Prática (EBP), pois tal abordagem compreende que a realidade é constituída a partir de interações entre ações e arranjos materiais (SCHATZKI, 2016), levando em consideração a linguagem, as regras, os entendimentos e as estruturas teleoafetivas. Este artigo também foge dos dualismos, como micro e macro, por exemplo, assim como propõem os EBP.

A análise fílmica foi escolhida como principal abordagem metodológica, visto que os objetos de estudo analisados são episódios de séries de TV. Por meio desta abordagem é possível analisar as representações das práticas reais das relações de trabalho, dentro do ambiente organizacional (BERTOLIN; BRITO, 2011). É por meio das imagens, sons, narrativas e discursos dos personagens que a análise se torna viável, levando em consideração que o que está sendo retratado é baseado na realidade (ROSE, 2008; OLTRAMARI; LOPES; 2016; OLTRAMARI; LOPES; WANNMACHER, 2018).

Esta pesquisa é essencialmente qualitativa, por entender que este tipo de pesquisa possui características que se relacionam com o objetivo deste artigo: analisar um determinado tipo de prática e a construção dos seus significados. Neste sentido, a pesquisadora é fundamental na análise dos dados, o procedimento é indutivo e descritivo e a pesquisadora reflete constantemente sobre as próprias vivências para fazer a análise (CRESWELL; CRESWELL, 2021).

Os episódios foram vistos quatro vezes cada um – duas vezes no idioma original, o inglês, e as outras duas vezes em português – e foram escolhidos por retratar cenas de assédio contra mulheres em organizações. As cenas específicas nas quais o assédio sexual foi abordado foram voltadas algumas vezes e reassistidas pausadamente, de forma que não fosse perdido nenhum detalhe importante. Os atos de pausar e voltar estas cenas foram fundamentais para selecionar os trechos mais importantes para esta análise.

Como categorias, foram utilizadas as análises do texto da cena e da imagem e do som, de forma que foram fundamentais para compreender o contexto da cena e de como os casos de assédio sexual foram representados e como o texto, a imagem e o som trabalham em conjunto para a composição de uma cena (BAUER; GASKELL, 2008). As séries cujos episódios foram analisados estão disponíveis nos seguintes serviços de streaming: Netflix, HBO Max e Apple TV+.

ANÁLISE

Nesta parte do artigo será feita a análise de três episódios de séries de TV. Foi adotada uma ordem cronológica, obedecendo o ano de lançamento de cada episódio – dois deles foram

ao ar em um ano diferente ao ano de lançamento da série, exceto o “A Solidão no Topo”, de *The Morning Show*, que foi lançado em 2019, mesmo ano de lançamento da série em uma plataforma de *streaming*.

Inicialmente, serão apresentados os marcadores sociais da diferença de cada vítima de assédio como forma de auxiliar na identificação das personagens principais nos casos de assédio analisados. Serão colocados os marcadores informados nas séries. Além disso, considerando que as reflexões propostas pela interseccionalidade surgem a partir do cruzamento destes marcadores, estes serão fundamentais para entender como estas características interferem nos casos de assédio. Em seguida será feito um breve resumo da temática de cada série para, em seguida, ser feita análise do episódio no qual foi retratado o caso de assédio.

Quadro 2 – Identificação das personagens das séries

Personagens	Série	Marcadores Sociais da Diferença (raça, gênero, classe, localidade, sexualidade e deficiência)
Phoebe Buffay	Friends	Branca, mulher cisgênero, sem deficiências, heterossexual, classe trabalhadora, moradora de Nova York (Estados Unidos).
Amy Santiago	Brooklyn 99	Branca, mulher cisgênero, sem deficiências, heterossexual, classe trabalhadora, moradora de Nova York (Estados Unidos), de origem latina.
Kerri Brennan	Brooklyn 99	Branca, mulher cisgênero, sem deficiências, heterossexual, classe trabalhadora, moradora de Nova York (Estados Unidos).
Hannah Shoenfeld	The Morning Show	Negra, mulher cisgênero, sem deficiências, heterossexual, classe trabalhadora, moradora de Nova York (Estados Unidos).

Fonte: As autoras (2023).

O quadro acima já evidencia que as séries em questão privilegiam personagens que constituem grupos hegemônicos – brancas, cisgênero, sem deficiência, heterossexuais. Isso aponta para o pouco espaço que as emissoras norte americanas dão a grupos minorizados e, consequentemente, para a abordagem limitada em torno da experiência com o assédio, que fica evidente nas descrições e análises feitas a seguir.

Aquele com a dúzia de lasanhas (Friends, 1995)

Friends é uma série de comédia caracterizada como *sitcom* – ou seja, conta com personagens comuns vivenciando histórias de humor em ambientes igualmente comuns. Uma característica das *sitcons* são os chamados “sacos de risadas”, que são pessoas que formam uma plateia durante a gravação dos episódios. Por se tratar de uma série de comédia, essas pessoas reagem às cenas com risadas, que vão ao ar nos episódios. *Friends* esteve no ar de 1994 a 2004, tem 10 temporadas e episódios que duram entre 20 e 22 minutos. A série se passa em Nova York e conta a história de seis amigos: Rachel, Monica, Phoebe, Chandler, Ross e Joey – todos brancos, cisgêneros e heterossexuais. Apenas com uma breve descrição dos personagens principais, é possível afirmar que não houve um olhar interseccional na construção dos personagens, pois todos seguem o padrão normativo. Ao mesmo tempo, é preciso destacar que o conceito de interseccionalidade havia sido discutido cinco anos antes da estreia da série (CRENSHAW, 1989, 2002; DIAS, 2021).

A prática de assédio foi inserida na série no décimo segundo episódio da primeira temporada, em 1995. É importante ressaltar que a temática central do episódio não é o caso de assédio, mas sim as 12 lasanhas que a *chef* de cozinha Monica Geller precisa se desfazer após

uma cliente cancelar o pedido. A vítima do assédio é uma das personagens principais, a massagista Phoebe Buffay, que trabalha em uma clínica e é carregada de traumas por ter vivido nas ruas após o abandono do pai e o suicídio da mãe. O caso acontece dentro da clínica na qual Phoebe trabalha – um ambiente organizacional (FREITAS, 2001) – e quem comete o crime é um cliente, o italiano Paolo, que era namorado de uma das melhores amigas da vítima, Rachel Green.

No episódio, Phoebe é avisada por uma funcionária da clínica que o cliente havia chegado e ela se surpreende ao ver o namorado da amiga. Ela o trata de maneira profissional e pede que ele deite na cama de massagens. Paolo retira todas as peças de roupa para se deitar, constrangendo a massagista, que o cobre com uma toalha. Durante a massagem, ele toca as pernas e as partes íntimas de Phoebe. A única reação da vítima é se afastar e contar o que aconteceu aos amigos e amigas após o ocorrido. Em um primeiro momento, ela não conta o que aconteceu à namorada de Paolo.

Levando esta representação da prática de assédio em consideração, é notável a associação a uma prática de gênero, que constitui as práticas generificadas (MARTIN, 2006). A prática de gênero identificada é o próprio assédio, que acontece quando Paolo se sentiu autorizado a tocar o corpo de Phoebe sem o consentimento dela. Nesta prática, também se nota o entendimento (Schatzki, 2016) de que o homem é um ser superior à mulher, numa relação binária criticada por Butler (2021). Este entendimento permite evidenciar um dos elementos da estrutura teleoafetiva (Schatzki, 2006) da prática de gênero, a saber, o interesse do homem em exercer poder sobre alguém que considera inferior, em termos de gênero. Em suma, esta prática de gênero configura e mantém uma ordem simbólica das relações entre homens e mulheres (GHERARDI; POGGIO, 2001).

Martin (2006), inspirada em Pierre Bourdieu, discute que estas práticas de gênero/generificadas são irreversíveis, já que o praticante pode até tentar corrigir o comentário feito ou, por exemplo, o assédio cometido, mas nunca poderá apagá-los. A autora acrescenta que as práticas de gênero acontecem em tempo real, de forma direcionada. Diferentemente do episódio que será discutido a seguir, neste a personagem não é incentivada a denunciar o caso. Ela conta à amiga e namorada de Paolo que foi assediada por ele após ser encorajada por um dos amigos homens, Ross Geller, que afirma que é a “obrigação” dela “como amiga, como mulher”, justificando ser uma “questão feminista” – no entanto, ele tinha interesses pessoais e não estava pensando em Phoebe, mas numa possível aproximação romântica com Rachel Green. A consequência para Paolo, após o caso vir à tona, foi apenas o rompimento do relacionamento dele com Rachel, evidenciando que em muitos casos, o/a assediador/a não é devidamente punido, principalmente nas organizações (DE PAULA; MOTTA; NASCIMENTO, 2021).

Dois fatos interessantes a serem observados neste episódio é que quando Phoebe conta o que aconteceu para Rachel, ambas pedem desculpa uma à outra, quando as duas foram vítimas do homem que cometeu o crime. Elas se sentem constrangidas com a prática de assédio e se culpam pelo que havia ocorrido. Este sentimento de culpa parece evidenciar um elemento da estrutura teleoafetiva (Schatzki, 2006) que a prática de assédio envolve, particularmente no que se refere às emoções sentidas pelas mulheres. O segundo fato interessante é que a todo momento o caso é tratado de maneira cômica, com “saco de risadas”, sem gerar nenhuma problemática com relação ao crime.

Nesse sentido, cabe problematizar a ideia de que a sociedade norte americana é “avançada” no debate sobre o assédio. Afinal, apesar de possuir leis e regras que avançam no combate a essa prática, as compreensões acerca do assédio no imaginário coletivo tendem a ser fortemente influenciadas pela forma como a mídia trata o assunto: de forma cômica, não levada a sério. Isso possui implicações diretas para países localizados no Sul Global, onde a mídia norte americana é, muitas vezes, consumida sem questionamentos e tida como superior. Logo,

em países como o Brasil, o combate ao assédio pode se tornar ainda mais difícil, diante da valorização das compreensões americanizadas.

A minha palavra contra a dele (Brooklyn Nine-Nine, 2019)

Brooklyn Nine-Nine é uma série de comédia policial que esteve no ar entre 2013 e 2021, contando com 8 temporadas e episódios que duram entre 21 e 23 minutos. É uma *sitcom*, assim como *Friends*, mas não faz uso dos chamados “sacos de risadas”. A série se passa na 99ª Delegacia de Polícia de Nova York, nos Estados Unidos, e conta a história de uma equipe de detetives liderados pelo capitão Raymond Holt e pelo sargento Terry Jeffords. Os detetives incluem Amy Santiago, Jake Peralta, Rosa Diaz, Charles Boyle, Michael Hitchcock e Norm Scully. Entre os personagens, há homossexuais, bissexuais, latinos, negros, brancos e judeus, o que caracteriza que a série possui um caráter interseccional (CRENSHAW, 2022), visto que conta com personagens de características distintas e cada um tem sua importância dentro da história.

Ao longo da série, temas como homofobia, racismo, estereótipos de gênero, xenofobia e assédio no ambiente de trabalho são abordados. Este último tema é fortemente debatido no oitavo episódio da sexta temporada, que foi nomeado de “A minha palavra contra a dele” e foi ao ar em 2019. Neste episódio, os detetives Amy e Jake, que são casados, trabalham juntos para conseguir provas sobre um caso de assédio sexual dentro de uma empresa de finanças. Jake é designado para o caso pelo capitão da delegacia e Amy se oferece para ajudá-lo nas investigações. O caso chega à delegacia por meio de funcionários de um hospital, que atenderam um investidor com uma fratura no pênis – o homem havia tentado violentar uma colega de trabalho, Kerri Brennan, que, por sua vez, o atingiu com um taco de golfe para se defender.

O investidor é a primeira pessoa ouvida pelos detetives. Ele justifica que a colega o atacou porque “ela é louca”, mas que ele “não acha isso de todas as mulheres”, alegando aos detetives que “normalmente as defende”. O investidor ainda justifica sua defesa a favor das mulheres afirmando que apoiou, diante de outros homens, a escolha de uma mulher para dirigir um dos filmes da franquia *Star Wars*. Em seguida, os detetives interrogam a mulher que foi vítima do assédio no ambiente de trabalho. Ela diz que não é uma pessoa violenta, mas que o colega havia “passado dos limites” ao tentar tirar a roupa dela e que, por isso, o atacou com um taco de golfe. A mulher conta que não quer prestar queixa, porque a empresa na qual trabalha como investidora ofereceu US\$ 2,5 milhões para ela “ficar calada e esquecer” o que havia acontecido. “É minha palavra contra a dele, sei como funciona”, justifica a vítima aos detetives.

A prática de “comprar” o silêncio das vítimas é aqui entendida como uma prática de gênero (MARTIN, 2006) existente nas organizações e representada na série. Esta prática mantém uma ordem de gênero ou uma matriz de poder (BUTLER, 2021), na qual a sobrevivente de uma prática de assédio - geralmente uma mulher – é silenciada diante de uma violência, para não manchar a reputação do assediador – geralmente homem cisgênero.

Era comum acreditar que casos de prática de assédio, seja sexual ou moral, só aconteciam numa relação hierárquica, como entre o chefe e o subordinado, por exemplo (FREITAS, 2001; TEIXEIRA; RAMPAZO, 2017). A representação do caso de assédio em *Brooklyn Nine-Nine* desconstrói esse pressuposto, visto que ambos os personagens exerciam a mesma função dentro da empresa de finanças. Ao longo do episódio, a detetive Amy Santiago encoraja a vítima a não aceitar o acordo e prestar queixa contra o assediador. A vítima o faz, Amy consegue provas contra o homem e a promotoria o acusa formalmente de assédio sexual. Ao fim do episódio, como consequência, outra funcionária da mesma empresa se sente inspirada pela colega e também vai à 99ª Delegacia para denunciar um caso semelhante na mesma empresa de finanças. A denúncia feita pela vítima/sobrevivente, que encoraja outras mulheres a também denunciarem, parece ser uma prática de resistência, que tem como objetivo

punir o assediador. Importante ressaltar que as práticas de resistência também são práticas de gênero que, de algum modo, buscam subverter a ordem de gênero (Butler, 2021).

Além das consequências de o assediador ser acusado para responder pelo crime que cometeu e de outra mulher se sentir encorajada pela ação da colega de trabalho e, também, registrar uma denúncia, é preciso ressaltar que a detetive Amy conseguiu superar um trauma ao ajudar a vítima do investidor, já que ela conta que também havia sido vítima de assédio quando entrou para a polícia. Outra consequência positiva foi o marido de Amy, Jake, se tornar mais crítico em relação às práticas de gênero, buscando conhecimento sobre o assunto para tentar compreender o que a esposa e outras mulheres passaram e continuam passando diante da sociedade. A série não trata o crime como modismo e foge da comédia para debater um caso sério e que acontece dentro do ambiente organizacional (FREITAS, 2001).

A Solidão no Topo (The Morning Show, 2019)

The Morning Show é uma série de drama, que estreou em 2019 e ainda está no ar. Até 2022, foram lançadas duas temporadas, que contam com episódios de 50 a 69 minutos de duração. Assim como as duas anteriormente citadas, esta série também se passa em Nova York e retrata o dia a dia de jornalistas em uma renomada emissora de TV, a UBA, que tem como um dos seus principais telejornais o matinal *The Morning Show*, que mudou a forma de fazer TV nos Estados Unidos e é apresentado por Alex Levy e Mitch Kessler. Ambos são as estrelas da emissora e parceiros há mais de 15 anos no programa de notícias até que Mitch, que era muito querido pelo público, é “cancelado” mundialmente na internet após surgirem denúncias, revelando que, por anos, ele manteve relações abusivas – assédios sexuais e suspeitas de estupro – com várias mulheres com as quais trabalhava. Ele é demitido e em seu lugar a UBA coloca Bradley Jackson, uma jornalista destemida e com ideais feministas.

O tema central de toda a primeira temporada é a prática de assédio sexual dentro do ambiente de trabalho. Em “A Solidão no Topo”, o oitavo episódio da primeira temporada, é mostrado às espectadoras e espectadores como um dos casos envolvendo Mitch aconteceu. O episódio começa mostrando o quanto ele era querido pela empresa e pelo público, enfatizando a comemoração do aniversário de 50 anos dele. Em seguida, ele e Alex precisam ir à Las Vegas cobrir uma tragédia que havia acontecido na cidade. Ao montar a equipe para acompanhar os dois apresentadores, Mitch diz que sua produtora, Mia, não deve mais fazer parte da equipe dele – é informado às espectadoras e espectadores que ambos haviam terminado um caso extraconjugal e o apresentador afirma que se sente “desconfortável” na presença da ex-amante. Em seguida, ele escolhe a produtora júnior, Hannah, para acompanhar ele e Alex na viagem à Las Vegas. É necessário destacar que tanto Hannah quanto a ex-amante do apresentador são mulheres negras, que são hipersexualidades há muitas décadas (GONZALEZ, 1984). Em seus estudos, Gonzalez (1984) problematiza que, no Brasil, as mulheres negras são tratadas como rainhas apenas durante o carnaval – fora do período de festa, tornam-se objetos para a iniciação sexual e para a satisfação sexual dos homens.

Desta forma, Hannah estranha que irá fazer parte da equipe em uma cobertura tão importante, mas embarca junto com os/as demais profissionais. Em determinado momento, Mitch não consegue dormir e se dirige a um memorial de Las Vegas, onde encontra Hannah. Em conversa com a produtora, ele diz que a escolheu para compor o time na cobertura especial porque “ela gosta do que faz”, ao que ela agradece. Mitch mostra compreender os medos de Hannah diante da responsabilidade que ela teve na cobertura da tragédia sendo uma produtora júnior. Na cena seguinte, ele diz que percebe que ela está triste e conta que quando ele está triste costuma assistir a um filme de comédia, e a convida para assistir tal filme. Já no quarto de Mitch, Hannah se sente mal, desconfortável, chora e diz que vai para o quarto dela. Ele a abraça, como forma de despedida, mas não a solta. Ela tenta se desvencilhar dos braços dele, mas não consegue, enquanto ele a beija e toca nas partes íntimas dela de forma forçada. Aqui, já se

percebe a configuração da prática de assédio sexual, visto que a vítima não desejava o que estava acontecendo e tentava sair da situação (TEIXEIRA; RAMPAZO, 2017; MCEWEN; PULLEN; RHODES, 2021).

Hannah diz que não esperava tal comportamento de Mitch, ao que ele responde que sabia disso e questiona: “Bela surpresa, não é? Tudo bem, eu só quero me sentir bem”. A produtora júnior não esboça reação e fica imóvel enquanto ele tem relação sexual com ela. O foco da cena é a expressão facial (ROSE, 2008) de Hannah: desconfortável, incrédula e frágil. De volta à Nova York, ela passa a não exercer mais as funções dela na empresa da mesma forma, sempre pensativa e dispersa, como se não tivesse, ainda, se dado conta de que havia sido vítima de um assédio (TEIXEIRA; RAMPAZO, 2021). O sentimento de dispersão frequentemente sentido por mulheres após um assédio, pode evidenciar um elemento da estrutura teleoafetiva (Schatzki, 2006) que a prática de assédio envolve, particularmente no que se refere às emoções sentidas pelas vítimas/sobreviventes. Hannah volta a encontrar Mitch na emissora, mas ele a trata normalmente, como se nada tivesse acontecido entre os dois – e é neste momento que Hannah percebe que foi vítima do apresentador.

A produtora invade a sala de Fred Micklen, que é presidente da UBA, para contar o que aconteceu, mas não consegue, pois começa a chorar. Fred pergunta o nome de Hannah e diz que ouviu falar muito bem do trabalho dela, afirmando que ser chefe de produção pode ser o futuro dela, ao que Hannah questiona: “Então, é assim que acontece?”. Ela entrou como produtora júnior e saiu da sala do presidente da emissora como chefe de produção, uma forma de comprar o silêncio dela e não expor nem Mitch e nem a empresa, visto que o apresentador é um dos mais bem avaliados pelos telespectadores do *The Morning Show*, sendo rentável para a emissora. Nesta situação, fica mais uma vez evidente a prática de silenciamento da vítima como uma prática de gênero (MARTIN, 2006).

Algo interessante a se observar é a semiótica da cena final do episódio (BAUER; GASKELL, 2008): quando Hannah sai da sala do presidente da UBA, na TV que está localizada atrás da mesa de Fred há a manchete “Magnata de Hollywood acusado de assédio sexual”, seguida de uma série de informações sobre a prisão de um magnata acusado de assediar várias atrizes ao longo dos anos. A cena seguinte mostra várias TVs retratando o mesmo caso em um telejornal da própria emissora, enquanto Mitch assiste à reportagem ao lado de Alex. Neste momento, o apresentador julga o magnata pelo crime que cometeu, visto que ele acreditava nunca ter cometido nenhum assédio ou estupro. Para Mitch, as relações sempre haviam sido consensuais – no entanto, as vítimas tinham medo do poder que ele detinha na emissora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós, mulheres, estamos conquistando nosso lugar dentro das organizações (GHERARDI; POGGIO, 2001). Embora seja, de fato, uma conquista, é importante refletir: será que as práticas de gênero em torno das mulheres desapareceram por causa disso? Acreditamos que as cobranças aumentaram por parte da sociedade apenas pelo fato de sermos mulheres. E percebemos tal comportamento por meio de questões e afirmações sempre levantadas, quase que de forma exclusiva, para as mulheres: “você tem quase 30 anos, quando pretende casar?”, “Vai estudar até quando? Tem que casar”, “Como assim não sabe cozinhar? O seu marido vai comer o que?”, “Como vai dar 100% de si no trabalho se você tem filhos?”, entre outras que tomariam muitas páginas caso fossem retratadas aqui.

No presente texto, foi possível caracterizar uma das várias práticas enfrentadas principalmente por mulheres, nas organizações: o assédio sexual. Por meio da análise das representações desse tipo de assédio contra mulheres em três episódios de séries de TV, foi possível evidenciar que: (1) a prática de assédio pode ser considerada uma prática de gênero que mantém uma matriz de poder de gênero; (2) que esta prática reproduz o entendimento de

que o homem é superior à mulher, e que este entendimento permite evidenciar um dos elementos da estrutura teleoafetiva da prática de gênero, a saber, o desejo do homem em exercer poder sobre alguém que considera inferior; (3) que as mulheres tendem a se sentirem culpadas quando sofrem assédio, ou passam por fase de dispersão e reflexão, evidenciando outro elemento da estrutura teleoafetiva que a prática de assédio envolve, particularmente no que se refere às emoções sentidas pelas mulheres; (4) que outra prática de gênero comum associada à prática do assédio é a de “compra” do silêncio das vítimas/sobreviventes; (5) que sobreviventes de assédio podem se sentir encorajadas a denunciar a violência sofrida a partir da denúncia de outras, desencadeando uma prática de gênero de resistência, que tem como objetivo punir o assediador.

Destaca-se ainda a ausência de representatividade nos episódios em questão, que restringem a representação das experiências de assédio à realidade de mulheres de maioria brancas, cisgênero, heterossexuais, sem deficiência. Isso nos coloca diante de questões como: Será que uma mulher preta, pobre, periférica seria acreditada quando denunciasse seu chefe? Será que ela escolheria dinheiro ao invés da “resistência”? Tais questões não tratam da moral dessas mulheres, mas das condições de vida para fazerem suas escolhas são distintas.

Observamos ainda que o assédio é escolhido, nas séries, como um tema das mulheres. Nos programas relatados, elas sofreram, elas se acolheram e elas denunciaram. Dificilmente a responsabilização do homem pelo crime cometido foi explorada. Desse modo, percebemos que o assédio não deve ser um problema pontual e das mulheres. É preciso chamar os homens para essa conversa, seja para denunciar ou para acolher as vítimas/sobreviventes.

Acreditamos que as séries de TV são espaços frutíferos para promover debates em torno do tema do assédio, porém, com a devida seriedade que o assunto merece, evidenciando, possibilidades de resistência, como o fez o episódio da série Brooklyn Nine-Nine, mas sobretudo explorando a responsabilização dos homens, agressores ou não. Ademais, destacamos a importância de se considerar não só o patriarcado como motivo principal do assédio, mas também questões raciais, de orientação sexual etc., ao considerar as vivências de diferentes mulheres como as negras, lésbicas e trans, por exemplo (GHERARDI; POGGIO, 2001; BUTLER, 2021).

Neste sentido, propomos que novas pesquisas ampliem o debate, principalmente em torno de representações do assédio na grande mídia, analisando séries e filmes desenvolvidos em contextos geográficos particulares, considerando realidades de mulheres distintas, como transgênero, negras, periféricas, com deficiência, não heterossexuais, entre outras.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Elis. **Mulheres sofrem três vezes mais assédio sexual nas empresas do que os homens.** CNN Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mulheres-sofrem-tres-vezes-mais-assedio-sexual-nas-empresas-do-que-os-homens/>>. Acesso em: 8 de maio de 2023.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa de texto, imagem e som: Um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2008.

BERTOLIN, Rosângela Violetti; BRITO, Mozar José de. **Análise Fílmica: Alternativa Metodológica na Pesquisa Organizacional Refletindo Subjetividade, Trabalho e Corporeidade.** In: III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. João Pessoa-PB, 2011.

BISPO, Marcelo. Estudos Baseados em Prática: Conceitos, História e Perspectivas. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 2, n. 1, p. 13-33, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

BUTLER, Judith. Performativity, Precarity and Sexual Politics. **Revista de Antropologia Iberoamericana**, v. 4, n. 3, 2009.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11-42, 1998.

CANIATO, Angela Maria Pires; LIMA, Eliane da Costa. Assédio moral nas organizações de trabalho: perversão e sofrimento. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 11, n. 12, sem página, 2008.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; PERDIGÃO, Denis Alves; AGUIAR, Ana Rosa Camillo. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração**, v. 49, n. 4, p. 698-713, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé W. Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, pp. 139- 167, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas**, Ano 10, 2002.

DE PAULA, Ana Paula Paes. Para além dos paradigmas nos Estudos Organizacionais: o Círculo das Matrizes Epistêmicas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 14, n. 1, p. 24-46, 2016.

DE PAULA, Carla de Fátima Nascimento Queiroz; MOTTA, Ana Carolina de Gouvêa Dantas; NASCIMENTO, Rejane Prevot. O assédio moral nas organizações: as consequências dessa prática para a sociedade. **Revista Serviço Social & Sociedade**, n. 142, p. 467-487, 2021.

DIAS, Pâmela Karolina. **Práticas organizativas do Slam Poesia em Caruaru-PE: uma análise interseccional**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro Acadêmico do Agreste. Programa de Pós Graduação em Gestão, Inovação e Consumo. Caruaru, 2021.

DUARTE, Márcia de Freitas; ALCADIPANI, Rafael. Contribuições do organizar para os estudos organizacionais. In: **Organizações e Sociedade** – Salvador, v. 23, n. 76, p. 57-72, 2016.

EINARSEN, Stale; HOEL, Helge; ZAPF, Dieter; COOPER, Cary (Eds.). **Bullying and emotional abuse in the workplace: International perspectives in research and practice**. London: CRC Press, 2003.

FREITAS, Maria Ester de. Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. **Revista de Administração de Empresas**, 41(2), 8-19, 2001.

GHERARDI, Silvia. Introduction: The Critical Power of the 'Practice Lens'. **Management Learning**, v. 40, n. 2, p. 115-128, 2009.

GHERARDI, Silvia; POGGIO, Barbara. Creating and recreating gender order in organizations, **Journal of World Business**, v. 36, n. 3, p. 245-259, 2001.

GOMES, Bianca. **Quase metade das brasileiras sofreu algum tipo de assédio sexual em 2022, mostra pesquisa do Datafolha**. O Globo, 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/03/mais-da-metade-das-brasileiras-sofreu-um-tipo-de-assedio-sexual-em-2022-mostra-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 8 de maio de 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984.

HELOANI, Roberto. Assédio moral: um ensaio sobre a expropriação da dignidade no trabalho. **RAE-Eletrônica**, 3(1), 1-8, 2004.

MARTIN, Patricia Yancey. Practising gender at work: further thoughts on reflexivity. **Gender, Work, and Organization**, v. 13, n. 3, p. 254-276, 2006.

MCEWEN, Celina; PULLEN, Alison; RHODES, Carl. Assédio sexual no trabalho: um problema de liderança. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 2, p. 1-7, 2021.

OLTRAMARI, Andrea Poletto; LOPES, Fernanda Tarabal. **Cinema, trabalho, organizações e sociedade: possibilidades e formação em Administração**. In: IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. Porto Alegre-RS, 2016.

OLTRAMARI, Andrea Poletto; LOPES, Fernanda Tabaral; WANNMACHER, Eduardo. "Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça": o cinema e suas possibilidades na formação em Administração. **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 5, n. 14, p. 954-988, 2018.

PIMENTEL, Ricardo; NOGUEIRA, Eloy Eros da Silva. Estudos baseados na prática: possibilidades metodológicas para pesquisas em estudos organizacionais. **Organizações e Sociedade**, v. 25, n. 86, p. 350-370, 2018.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa de texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SANTOS, Leonardo Lemos da Silveira; SILVEIRA, Rafael Alcadipani. Por uma epistemologia das práticas organizacionais: A contribuição de Theodore Schatzki. **Organizações e Sociedade**, v. 22, n. 72, p. 79-98, jan./mar. 2015.

SCHATZKI, Theodore. Practice theory as flat ontology. In: SPAARGAREN, G.; WEENINK, D; LAMERS, M (Editors). **Practice Theory and Research: Exploring the dynamics of social life**. Routledge, 2016.

SCHATZKI, Theodore; KNORR-CETINA, Karen, VON SAVIGNY, Eike, (eds.) **The Practice Turn in Contemporary Theory**. New York: Routledge, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Anielson Barbosa da; NETO, João Roman. Perspectiva Multiparadigmática nos Estudos Organizacionais. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. 2ª edição. São Paulo: Saraiva, 2010.

TEIXEIRA, Juliana Cristina; RAMPAZO, Adriana da Silva Vinholi. Assédio sexual no contexto acadêmico da Administração: o que os lábios não dizem, o coração sente? **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 4, n. 11, p. 1151-1235, 2017.

TEIXEIRA, Juliana Cristina; SILVA, Caroline Rodrigues; MESQUITA, Juliana Schneider; RAMPAZO, Adriana da Silva Vinholi. “**Assédio sexual no contexto acadêmico da Administração**”: **Relações de poder cotidianas sobre as quais elas já disseram, e nós vamos dizer mais. E agora?** In: V Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, Curitiba-PR, 2018.